

Maria Luísa Malato Borralho

# “POR ACAZO HUM VIAJANTE...”

A VIDA E A OBRA DE CATARINA DE LENCASTRE,  
1.ª VISCONDESSA DE BALSEMÃO  
(1749-1824)



temas portugueses

## *PREÂMBULO*

Um prologo!... Uma introdução! É na verdade cousa que me faz medo! Será obrigação? Será necessidade? Talvez. [...] Mas isto de introduções, é por assim dizer fazer cada qual um juízo da sua propria obra; e mal me parece a mim este uzo: porém como está admittido, não ha remedio senão seguil-o.

AYRES PINTO DE SOUSA M. MENEZES,  
*O Mestre de Calatrava*, p. I.

## *Por acaso hum viajante...*

O verso é de uma fábula de Catarina de Lencastre <sup>1</sup>. Nela se conta como o Acaso nos define a Necessidade, e como de ambos é feito aquilo a que chamamos livre arbítrio. Viajamos entre livros, acontecimentos e seres, criando, através do tempo, insuspeitados laços de reconhecimento. A obra de D. Catarina de Lencastre, 1.<sup>a</sup> viscondessa de Balsemão, não era referência que tivéssemos dos nossos livros de estudo ou recreio. O que queríamos era procurar responder a algumas das questões que as monografias sobre o século XVIII, e em especial a obra de Manuel de Figueiredo, tinham deixado em nós.

Porquê tanta aversão ao século que tinha como crime não ser romântico? Porquê tanto dogmatismo quando centenas de autores e milhares de manuscritos continuavam no pó das bibliotecas? Porquê sempre os mesmos poemas dos mesmos poetas? Como se podia entender a acusação de rigidez filosófica e estética, de *pelintrice pedinchona*, feita àqueles mesmos autores que frequentemente nos maravilhavam com a sua maneira tão vária de ser? Com a sua liberdade de ousar. O seu declarado gosto pelo paradoxo, pela ambiguidade, pelo eclectismo. Por aquela estranha pose que os faz tantas vezes deliberar sobre o texto literário de um modo e escrever um texto literário de outro...

---

<sup>1</sup> Catarina de Lencastre, Apólogo, 4.<sup>a</sup> Colecção, f. 267.

Reconheçamo-lo: aqueles autores não se entendem, escapam-se mal acreditamos ter-lhe fixado as ideias. Utilizam mitologias e prescrevem modelos que nós achamos envelhecidos ou que já nem sequer reconhecemos. Falam de Natureza, Decoro, Razão ou Antiguidade como de deuses que mudassem constantemente de forma e sentido... Têm versos ou poemas sublimes no meio de quadras de pé quebrado, ou algaraviadas mitológicas, em estilo que diríamos pouco ático, se não quiséssemos correr o risco de lhe chamar barroco...

Um investigador, mesmo de literatura, gosta em geral que as contas batam certo. Lêramos José Agostinho de Macedo, Francisco Manuel do Nascimento, Bocage, José Anastácio da Cunha, a marquesa de Alorna, e em todos se acabava por concluir que algo na contabilidade estava errado. E quase sempre acrescentávamos: ainda bem.

Preparávamo-nos para partilhar essas angústias contabilísticas numa tese de doutoramento, quando o nosso orientador, o Professor Doutor José Adriano Carvalho, nos estendeu umas fichas sobre uma viscondessa:

«— Conhece? Ainda não leu? Estão uns poemas na Biblioteca Municipal...»

Lá fomos ver a sementinha. Era pequena. Nem chegava a uma centena de poemas. Alguns eram estranhamente apelativos, outros lembravam-nos os autores que antes tínhamos lido, como se todas aquelas figuras se reunissem no mesmo salão para glosarem os mesmos temas e motes. Também tudo aquilo era interessante.

Uma das fichas remeteu-nos para Lisboa. Depois, Coimbra, Santarém, Funchal, Nantes, Londres, novamente Porto, e ainda Lisboa. Quando brota da terra, um embondeiro tem o tamanho de uma roseira. A centena multiplicou-se quase até ao milhar. Podia ser podada. Ou cortada. Mas, tínhamos então espaço e a dispensa de aulas deixou-a crescer. Vigiamos-lhe as raízes, fomos moldando o tronco, limpámos alguns ramos emaranhados e recolhemos as folhas velhas para a irem adubando. Ecoava em nós a canção de Stephen Schwartz...

*How high does the sycamore grow?  
If you cut it down, then you'll never know...*

Aqui está ela, agora. Até onde o tempo a deixou crescer, porque sabemos que muito mais ela podia subir e mais longe estender os ramos.

Como Jacob que só ambicionava uma das filhas de Labão, mais de sete anos a cuidáramos, quando dela fizemos uma primeira impressão em 1999. Mais de sete anos a deixámos por editar, refazendo-a nos pormenores, na depuração dos conteúdos e da ordem dos conteúdos, mas como se a salvação já não dependesse de nós. Mais sete anos a cuidaríamos ainda se não fora para tão grande estudo tão curta a vida. Do extenso projecto inicial saem agora dois livros autónomos. Este, sobre a vida e obra de Catarina de Lencastre. E um outro, com a edição crítica da sua obra lírica e dramática, a incluir também nesta mesma colecção da Imprensa Nacional. Crescemos com a recolha dessa obra, dela partimos para muitos outros trabalhos. E, quase heteronimicamente, tantas pessoas aprendemos a ser quantas as partes que a dividem.

Para escrever sobre a metodologia a seguir, tivemos de aprender a considerar, não só o contexto dos poemas que tínhamos diante de nós, como também o contexto em que descrevíamos o contexto dos poemas. Fomo-nos despojando das certezas de quem investiga o passado com a legitimidade de um presente esterilizado e inócuo.

Para elaborar uma biografia de autor foi necessário sobretudo resistir ao devaneio. Descobrimos uma viajante: Guimaraães, Londres, Lisboa, Porto, Funchal. Aprendemos a imaginar os passos de uma desconhecida para a encontrar, para encontrar até os seus poemas. Muitas vezes fomos obrigados a visitar os seus lugares, para encontrar a sua obra. Mas recolher elementos de uma autora que — até por ser mulher sem cargos públicos evidentes ou textos impressos significativos — passara despercebida, durante duzentos anos, aos detectores da História, implica ser minúsculo rato de biblioteca que se vai contentando com grãos perdidos do celeiro. Foi necessário resistir até para redescobrir o valor e funções de uma biografia nos estudos literários neste limiar do século XXI.

Para escrever sobre a obra, reaprendemos, algo penosamente, a ser e a afirmar, depois de nos termos despojado de vontades e certezas. Aprendemos a correr o risco de ser sujeito.

## ÍNDICE

Preâmbulo .....	9
-----------------	---

### *PARTE I*

#### **CARTOGRAFIA**

CARTOGRAFIA — A vida e a escrita de Catarina de Lencastre	23
1. A família, teia literária .....	25
2. O casamento e as letras .....	39
3. Londres e a viagem à volta de um quarto .....	52
4. Où chercher la femme? .....	65
5. As pombas sem pombal .....	74
6. Lisboa, velha Arcádia .....	92
7. As luzes e as sombras das luzes .....	111
8. A política, a literatura e algumas ligações perigosas .....	126
9. O Porto: a corte numa aldeia .....	144
10. Funchal e «a viscondessa velha» .....	165
11. Lisboa com rei sem roque .....	173
12. «Tão próximo a dormir o eterno sono»... ..	183

### *PARTE II*

#### **VISITAÇÃO DOS LUGARES**

VISITAÇÃO DOS LUGARES — A obra de Catarina de Lencastre	195
CAP. I — Invocação do passado .....	205
I.1. Acreditavam os poetas nas suas musas? .....	206
I.2. Templos, palácios e outras casas da memória .....	218

I.3.	O banquete e o paraíso .....	221
I.4.	A poesia e a pintura: <i>ut pictura poesis?</i> .....	228
I.5.	Sonetos e elegias: do <i>logos</i> ao <i>pathos</i> .....	244
I.6.	Perenidade e precariedade .....	249
I.7.	Camões e a aprendizagem do génio .....	256
I.8.	Da elegia, vã recordação .....	271
CAP. II — Proposição do presente .....		283
II.1.	O presente, tempo e terra-de-ninguém .....	285
II.2.	Da natureza do eu e das coisas .....	294
II.3.	Lucrecio: átomos, fábulas e volúpias .....	301
II.4.	Sã filosofia e sã poesia .....	311
II.5.	Da nostalgia ao desejo .....	320
II.6.	As guerras do amor e da razão .....	327
II.7.	O drama: uma tragédia em nós .....	334
CAP. III — Dedicatória ao futuro .....		351
III.1.	A ode e a égloga: utopias em tom menor .....	352
III.2.	Ainda o sono do sonho .....	361
III.3.	Do agricultor sábio ao sábio agricultor .....	369
III.4.	A morte, talvez, e o cansaço... ..	381
III.5.	O prazer, afinal essa ausência do desejo... ..	390
III.6.	O impossível cântico do silêncio .....	398

## APORTAÇÕES

O século XVIII: <i>omphalos</i> periodológico .....	410
Catarina de Lencastre: a reconstituição de um paradigma ....	415

\*

<i>Bibliografia</i> .....	429
<i>Bibliografia de Catarina de Lencastre</i> .....	431
<i>Bibliografia geral</i> .....	441